



**BLUMENAU
EM CADERNOS**

TOMO XVIII — No. 4

Abril de 1977

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação Casa Dr. Blumenau torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta revista, recebido de:

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Artur Fouquet - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

ABRIL DE 1977

Nº 4

— S U M Á R I O —

	Página
Genealogia - Família Lucas - II	110
Estante Catarinense	116
Nossa Terra e Nossa Gente	117
A Longa Peripécia	135
Como nascem os gênios	139

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 30,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 130,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

GENEALOGIA

— JEAN R. RUL —

FAMÍLIA LUCAS

— II —

Filhos de Peter Lucas e de Dorothea Wagner (continuação)

N 3 - Henrique Lucas * 1-1-1842 SPA. Foi também Voluntário da Pátria, em 1865, porém regressou após a campanha e foi transferido para o Paço Imperial, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, onde serviu o Imperador Dom Pedro II. Alguns anos mais tarde, voltou à Blumenau, onde casou a 26.9.1871 PEB, com Therese Hohl * 8.2.1851, Muschlitiz, filha de Johann Heinrich Hohl e de Wilhelmine Sille, imigrantes aqui chegados a 20.12.1851. Henrique faleceu 10.3.1913 e sua esposa a 16.2.1927, ambos sepultados no Cemitério Evangélico de Badenfurth. No túmulo de Therese consta a data de nascimento de 8.2.1850, portanto um ano de diferença com a data mencionada no assento de seu casamento. Tiveram 11 filhos:

B 11 - Leopold Lucas * 8.3.1872. Casou com Clara Kriek, tendo 4 filhos. Residia em Apiuna, SC. Pais de:

T10 - Walter Lucas * 1902 † 30.5.1926 de tifo, negociante, solteiro.

T11 - Ela Lucas, casada com Georg Beims, sem descendentes.

T12 - Dorothea Lucas, casada com Georg Ternes, id.

T13 - Hildegard Lucas, casada com Carlos Buelck, pais de 6 filhos.

B 12 - Henrique Lucas Junior * 11.9.1873 † 29.10.1943. Casou 21.6.1899 PEB com Ema Stahl † 14.12.1934, filha de Paulo e de Anna Stahl. Residia em Itoupava Norte, onde tinha uma marcenaria. Pais de 5 filhos:

T14 - Thekla Lucas * 6.1.1900, casada com Paul Puff, uma filha.

T15 - Anna Lucas * 22.11.1901

T16 - Tereze Lucas * 11.3.1904, casada, sem descendentes.

T17 - Elsa Lucas * 14.12.1907, casada com Henrique Schuetz, id.

T18 - Walter Franz Adolph Lucas * 29.1.1914 † 17.7.1943. Casou 25.10.1939 com Gertrud Herta Rosse † 4.1.1942, sepultados Itoupava Norte.

B 13 - Luiz Lucas * 20.10.1875 † 26.10.1939. Casado com Louize Guenthe

* 31.5.1882 † 26.9.1925, filha de Luiz Guenther. Residiam em Itoupava Norte e estão sepultados em Badenfurth. Pais de:

- T19 - Henrique Lucas Neto * 28.9.1906, casado com Irmgard Meucher, pais de um filho.
- T20 - Ela Lucas * 6.3.1911. Casada com Anton Heinrich Walter Sachse. Pais de 3 filhos.
- T21 - Erna Lucas * 18.5.1912. Casada com Heinrich Behringer, 3 filhos.
- B14 - Bertha Lucas * 18.1.1878 PEB. Casada com Alwin Krieck. Foram residir em Rio do Sul, pais de 5 filhos.
- B15 - Georg Lucas Sobrinho * 24.1.1880 Belchior. Casou 1905 aprox., com Alice Clotilde Ziesemer. Georg foi um dos pioneiros da colonização da região de Rio do Sul. Em 1922 ele consta como um dos fundadores do Hospital Cruzeiro, naquela cidade. Pais de:
- T22 - Thereze Lucas, casada com Eberhard Geisler, pais de 2 filhos.
- T23 - Erich Lucas, casado com Frieda Jaeger, pais de 3 filhos.
- T24 - Cecilie Lucas, casada com Georg Schoenberger, pais de 1 filho.
- T25 - Victor Lucas, * 26.3.1909. Casado com Gisela Schlemm. Industrial em Rio do Sul, historiador, autor de vários trabalhos publicados em "Blumenau em Cadernos" sobre os primeiros colonizadores de Rio do Sul. Pais de 4 filhas.
- T26 - Wally Lucas, casada com Heinz Holtrup. Pais de 1 filho.
- T27 - Heinrich Lucas, casado com Gerda Mahnke, pais de 1 filho.
- B16 - Leonide Lucas, * 12.5.1882 PEB. Casada com Leopold Feldmann. Residiam em Lontras. Pais de 2 filhos.
- B17 - Gustav Lucas * 1884 aprox. Casado com Thekla Fuchs, residiam em Rio do Sul. Pais de 5 filhas:
- T28 - Hertha Lucas, casada com João Paul, pais de 5 filhos.
- T29 - Erna Lucas, casada com João Manderle, pais de 2 filhas.
- T30 - Vera Lucas, casada com Heinrich Baggenstoss, pais de 2 filhos.
- T31 - Margarida Lucas, casada com Hartwig Krieck, pais de 2 filhos.
- T32 - Paula Lucas, casada com Arno Schlupp, pais de 3 filhas.

- B18 - Thekla Lucas * 1886 aprox. Casada com Karl Ortmann, pais de 4 filhos.
- B19 - Clara Lucas * 17.5.1888 † 28.8.1936 Itoupava Norte. Casada com Wilhelm Lueders.
- B20 - Otto Lucas * 1890 aprox. Casado com Anna Seide. Residiam em Rio do Sul. Pais de:
- T33 - Mercedes Lucas, casada com Erwin Weichmann, pais de 3 filhos.
 - T34 - Herbert Lucas, casado com Erna Hecker, pais de 3 filhos.
 - T35 - Lobert Lucas, casado com Gertrud Neuber, pais de 4 filhos.
 - T36 - Harry Lucas.
 - T37 - Arno Lucas, casado com Maria Fernandes, pais de 4 filhos.
 - T38 - Arens Lucas, casado com Lucia John, pais de 3 filhos.
 - T39 - Ruth Lucas, casada com Conrad Malkowski, pais de 5 filhos.
 - T40 - Elsira Lucas, casada com Reinhold Streber, pais de 1 filha.
- B21 - Olga Lucas * 10.2.1893 † 3.2.1894, sepultado em Badenfurth.
- N-4 - Luiz Lucas - * 10.3.1844, batizado em São José. Sepultado no CEB (Cemitério Evangélico de Blumenau). Em sua sepultura consta como tendo nascido a 25.3.1844. Faleceu a 23.8.1929, solteiro.
- N5 - Maria Lucas * 10.5.1846 batizada «a 18.6.1846 na Capela da freguezia de São Pedro de Alcântara». No assento de seu casamento diz que ela nasceu a 17.3.1846 em SPA, ficando assim a dúvida de qual a data correta. Faleceu a 6.11.1925 Blumenau e no assento de seu óbito consta ela ter nascido, ou melhor, natural da Alemanha, o que é evidentemente um erro. Maria casou a 27.2.1871 PEB (Paróquia Evangélica de Blumenau), com Jacob Jasper * 1838 filho de Johann Heinrich Christian Jasper e de Maria Elisabeth Lucas, portanto seu primo (vide N27). Jacob Jasper † 13.4.1907 durante a viagem que fazia para a Europa.
- O nascimento e o batizado de Maria, provam, sem qualquer sombra de dúvida, que os pais, ou pelo menos a mãe, ainda residia em SPA e não em Belchior, em meados de 1846. Pais de: (vide N27).
- N6 - Jacob Lucas * 18.3.1848, quando os pais já residiam em Belchior. Deve ter sido batizado em Itajaí, o que não pode ser verificado pois o registro daquele ano não existe mais. Jacob perdeu um braço no engenho do pai. Faleceu solteiro, no Capim Volta, a 27.5.1912 e foi sepultado no CEB.

N7 - Anna Lucas * 9.5.1850 conforme indica o assento de seu casamento, ou 10.5.1850, como consta em sua sepultura no CEB. Faleceu a 7.2.1930. Anna casou a 23.11.1880 PEB com seu primo Josef Jasper (irmão de Jacob) * 1851 † 22.6.1929. Não tiveram filhos. (vide N32).

N8 - Selma Lucas † solteira, de febre amarela, em Santos.

Conforme já tivemos ensejo de informar, os registros paroquiais de Itajaí do período 1847 a 1857 foram destruídos. Ficaram apenas algumas folhas avulsas, que foram encadernadas no registro seguinte. Estas folhas não tem numeração e na maioria dos assentos não há datas. Na encadernação foram cortadas beiradas, com ou sem texto. Há um assento de batizado no alto de uma folha, com nome e data do batizado cortados, permanecendo apenas os dizeres «nascida a 14 de setembro» com os nomes dos pais, avós e padrinhos. Acreditamos que se trate do batizado de Selma e que o ano seja 1853.

N9 - Josef Lucas * cerca 1855. Morreu afogado quando jovem.

N10 - Peter Lucas Filho * 17.5.1857, batizado 29.6.1857. Recebeu o prenome de seu padrinho, Pedro Deschamps. Peter casou, já com certa idade, com Alwine Krieser e foi residir em Ibirama, após 1911, pois naquele ano ainda teve filho batizado em Blumenau, constando ele neste assento como «colono de Belchior». Pais de 9 filhos:

B22 - Hellmuth Lucas, casado com Thekla Marx, não parece ter deixado descendentes.

B23 - Claudia Lucas, casada com Hermann Piske, pais de uma filha Renata.

B24 - Adele Lucas, casada com Carlos Schulze, pais de um filho, Raul Schulze.

B25 - Dorothea Lucas, casada com Carlos Isler, pais de uma filha, Erica

B26 - Luiz Lucas Sobrinho, casado com Paula Geiser, pais de 2 filhos:

T41 - Ruth Lucas

T42 - Ralf Lucas, tenente da força aérea, falecido em acidente.

B27 - Lidia Lucas, casada com Valentim Wuerges, pais de 3 filhos: Victor, Vilfried e Waltraut Wuerges.

B28 - Freymund Julius Berthold Lucas * 6.4.1905 † 2.10.1911 PEB.

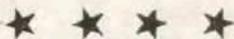
B29 - Georg Lucas Sobrinho, casado com Edith Radlow, pais de 6 filhos:

T43 - Hildegard Lucas, casada com Lorival Schlupp, pais de 1 filha.

T44 - Harold Lucas, casado com Thusnelda Bahr, pais de 2 filhos.

- T45 - Renê Lucas, casado com Agata Hedler, pais de 1 filha.
- T46 - Jorge Lucas, casado com Thereze Maurer, pais de 4 filhos.
- T47 - Hercilio Lucas, casado com Aracy Eskelsen, pais de 5 filhos.
- T48 - Reinhold Lucas, falecido solteiro.
- B30 - Johanna Emma Magdalene Lucas * 15.3.1911, batizada a 7 de maio do mesmo ano na PEB. Casou a 14.5.1930 com Arnaldo Mohr, em Ibirama, pais de 5 filhos.
- N11 - Georg Lucas * 20.1.1860, batizado 9.4.1860 PEB, recebendo o prenome de seu tio e padrinho, Georg Wagner. Faleceu a 14.3.1926 e está sepultado no Cem. Evang. de Badenfurth. Era ferreiro em Salto do Norte. Casou a 24.4.1889 PEB com sua prima Emma Michel filho de Luis Michel e de Maria Jasper (vide descendência de N30). Emma faleceu a 14.6.1946 e está sepultada junto com o marido. Pais de 10 filhos:
- B31 - Freymund Lucas * 7.1.1890 † 10.10.1972. Casou 9.4.1913 PEB com Bertha Orthmann * 5.2.1895 † 16.6.1968, ambos sepultados em Badenfurth, filha de Feindeig Orthmann e de Hulda Peters. Pais de no mínimo 3 filhos:
- T49 - Irma Lucas * 23.8.1913, casada 28.10.1936 com Roberto Teske.
- T50 - Helmuth Lucas * 18.6.1916 † 26.12.1945, sepultado Badenfurth Casou 14.2.1940 com Gertha Posahl ou Pofhal. Pais de 2 filhos: Edio Lucas * 10.3.1942 † 11.11.1960 e Marjorie * 1944.
- T51 - Hilda Lucas * 2.3.1920, casada 13.5.1942 com Henrique Teske.
- B32 - Frieda Maria Lucas * 10.5.1891. Casou 12.6.1912 com Heinrich Julius Lüders * 19.2.1888, filho de Christian Lüders e de Johanna Schwarz. Dona Frieda reside em Blumenau, à rua 2 de Setembro, com idade bem avançada.
- B33 - Eugen Lucas * 14.1.1893, casado com Olga Peters, pais de pelo menos um filho:
- T52 - Edwin Lucas, casado, tem um filho, Manoel Lucas.
- B34 - Alma Lucas * cerca 1894, casou 1915 com Antônio Hoffmann.
- B35 - Hellmuth Lucas * 1.11.1895 † 22.8.1908, sepultado em Badenfurth.
- B36 - Olga Lucas * 21.2.1897 † 19.3.1920 - id.
- B37 - Thekla Lucas * 13.6.1900.
- B38 - Gabriela Lucas * 1901.
- B39 - Emilie Lucas * 1.4.1903.

- B40 - Paula (ou Julia?) Lucas * 11.8.1906.
- N12 - Julius Lucas * 12.3.1864 † 16.10.1906, sepultado em Badenfurth. Casou a 27.11.1889 com uma prima Therese Barth (B67) * 4.7.1866 † 17.3.1949, filha de Christian Barth e de Catherine Müller, esta filha de Jacob Müller e de Catharina Lucas. Pais de:
- B41 - Wanda Lucas * 1893, casada com Franz Toed.
- B42 - Arthur Lucas * 7.7.1894 † 10.11.1937, sepultado, junto com sua esposa, no cemitério da Velha. Casou 12.11.1921 PEB com Agnez Buetzke * 15.7.1902 † 16.1.1972, filha de Wilhelm Buetzke e de Minna Ruediger. Tiveram pelo menos um filho:
- T53 - Heinz Lucas * 9.8.1925 no Saito.
- B43 - Anna Lucas * 28.6.1895 no «distrito de Arapongas», casou com Hartwig Gaulke.
- B44 - Victor Lucas * 24.3.1902 † 1.11.1959, sepultado em Badenfurth. Casou com Ida Seefeld.
- N13 - Leonida Lucas * 13.10.1867, batizada 15.3.1868 PEB. Casou cerca 1890 com Hans Colley, filho de Carlos e de Mathilde Colley. Foram residir no Passo Manso. Pais de:
- B45 - Pedro Colley * 12.5.1892, falecido em Warnow.
- B46 - Victor Colley * 4.4.1894.
- B47 - Hans Colley, mudou-se para São Paulo.
- B48 - Margarida Colley, casada com Arthur Bona, pais de, pelo menos, um filho:
- T54 - Leandro Victor Bona * 22.5.1927 Indaial, industrial em Blumenau. Casado com Hedda Deeke, filha de Axel Deeke e de Herta Lorenz.



10-5-1884: O Sr. Hermann Röder, comunica que desde 1º de março a. c. se retirou da firma Röder, Karsten & Hadlich, tendo os srs. Karsten e Hadlich assumido todo o ativo e passivo da referida firma.



19-7-1884: (Nota): O título de Barão de Arroia Grande foi aoncedido ao sr. Francisco Antonio Gomes da Costa, por ter libertado 48 escravos, e de Barão de São Luiz, ao Sr. Dr. Leopoldo Antunes Maciel, por ter libertado 12 escravos e prestado relevantes serviços ao Estado.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

NÓS E O MUNDO, de Maura de Senna Pereira

Livraria São José - Rio de Janeiro,
1976

Maura de Senna Pereira, a exemplo de Lausimar Laus, é outra ilustre catarinense que brilha no cenário litero-jornalístico nacional. Mantendo por vários anos uma coluna no jornal carioca "Gazeta de Notícias", intitulada "Nós e o Mundo", ela, no correr desse tempo, teve oportunidade de discorrer sobre os mais variados assuntos. Como explica seu companheiro de lides jornalísticas e redator da "Gazeta", Barbosa Gonçalves, a coluna de Maura, inicialmente feminina, «mercidamente se projetou nos meios culturais, passou a receber livros de vários pontos do país e se tornou prestigiada coluna de informação no mundo da arte e do pensamento»

Nada mais natural, portanto, que acontecesse o aparecimento de um livro, reunindo parte destas crônicas e merecendo o mesmo título da coluna jornalística de Maura: "Nós e o Mundo", que teve a chancela da importante livraria São José.

A "Blumenau em Cadernos" a autora teve a gentileza de enviar um exemplar autografado, em que ressalta ser o inesquecível José Ferreira da Silva personagem do livro. Esta referência da autora nos leva exatamente à página 54, onde, na crônica "História de Blumenau", ela analisa a dedicação e o amor de Ferreira da Silva (fundador de "Blumenau em Cadernos") às coisas de Blumenau, culminando com a publicação do referido estudo sobre a história do município.

O livro de Maura de Senna Pereira está dividido em 3 sub-títulos. Em «*Quadros e Temas*», lemos 27 crônicas. Em «*Estórias que não Inventei*» seguem-se mais 16. E, finalmente, o sub-título «*Retratos*» enfeixa mais 11 crônicas.

O amor desta catarinense pela sua terra natal, Florianópolis, pode ser sentido em diversas passagens. Como à página 43: "Andei pela minha cidade natal participando de uma Feira do Livro, a segunda que promove na capital catarinense a Câmara Júnior de Florianópolis. Não creio que, em nenhuma parte do Brasil, em nenhuma parte do mundo, livros se vendam num cenário mais estonteante. As barracas foram armadas no ângulo do Jardim Oliveira Belo — fronteiro ao Palácio Rosado..."

Enfim, o livro "Nós e o Mundo" veio enriquecer a estante catarinense da Biblioteca «Fritz Müller», assim como deve estar enriquecendo de conhecimentos todos aqueles que o lerem.

Nossa Terra e Nossa Gente

AO TEMPO EM QUE

Taunay nasceu

OSWALDO R. CABRAL

Conferência pronunciada a 1.º de dezembro de 1976, por ocasião da abertura das comemorações da passagem do centenário do nascimento do ilustre historiador catarinense Afonso d'Escragnole Taunay, levadas a efeito pela Academia Brasileira de História (S. Paulo), sob o elevado patrocínio do Governo do Estado de Santa Catarina.

UM poemeto satírico, publicado na década dos oitenta pela imprensa do Destêrro, da lavra do dr. Souza Forrobodó — que outro não era senão o Conselheiro João Silveira de Souza, e Conselheiro porque fôra Chanceler do Gabinete Zacarias, ao tempo da guerra do Paraguai, cuja veia poética se revelava nas décimas das TAUNAYDAS, sangrando nas rimas tôda a sua tremenda ogeriza pelo dr. Alfredo d'Escragnole Taunay, seu rival e adversário político, assim situa no tempo a chegada do mesmo, como Presidente da Província, alguns anos antes:

« Foi em junho, salvo erro,
Do ano setenta e seis,
Que entrada solene fez
Na cidade do Destêrro,
Que tomou conta da Ilha
Êste «oitava maravilha»!
Mas, logo à sua chegada,
Quando o viram de penacho,
Houve quem dissesse baixo:
— “Que Presidente pomada”!... »

Estava certo o Conselheiro pois, com efeito, Taunay desembarcou no Destêrro, com sua espôsa, justamente a 6 de junho de 1876 e receberia, a 7, das mãos de seu antecessor, o dr. João Capistrano Bandeira de Melo Filho, a responsabilidade do governo provincial.

Pelo visto e narrado no epigrama, desceu fardado — major do Exército, do Corpo de Engenheiros, que era então — e no vistoso uniforme, colorido e agalado, culminado pelo ornamental penacho de muita vista, das patentes maiores.

Fê-lo, certamente, para impressionar o populacho que, por falta do que fazer, se fazia sempre presente, então, ao desembarque dos passageiros que chegavam, pontualmente, pelos navios da carreira que faziam escala em nosso porto, cruzando-se aqui os que vinham do norte com os

que subiam do sul e, muito mais, a estas cerimoniaosas recepções de Presidentes e outros dignitários, quando formava a tropa e o alto mundo comparecia de sobrecasaca e cartola...

Havia música e barulho d'armas — coisas irresistíveis aos ilhéos daqueles tempos — embora, não obstante, muito mais concorridos do que as recepções fossem então, sem a menor dúvida, os bota-foras, as despedidas dos Presidentes que partiam pois, além das presenças obrigatórias dos figurões locais, ao longo da Praça e no trapiche da Alfândega, que nela mesma se situava, havia sempre, ou quase, o tradicional «esfogueamento» — a despedida proporcionada pela oposição, que mandava queimar lâ para os lados de Santa Bárbara, centenas de foguetes de assovio — a váia dos descontentes — pipocar e silvos que se repetiam, invariavelmente, ao paquete levantar os ferros, e que o «esfogueado» ainda ouvia, ao passar frente ao forte de Sant'Ana, no estreito...

Era a praxe — sem isto não se completava o protocolo das despedidas, embora se esforçassem os correligionários, e também a Polícia, para evitar o cumprimento do ritual, o que raramente conseguia...

Taunay era Deputado por Goiás, por cuja Província se fizera eleger graças ao amparo do Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho de Ministros, em 1872, e o Gabinete Caxias, de 25 de junho de 75 o colocou na Presidência de Santa Catarina, nomeando-o a 26 de maio.

Já era, então, major, como se disse, e casara no ano anterior com Dona Cristina Teixeira Leite, filha dos barões de Vassouras.

Quando a casal chegou ao Destêrro, já vinha a ilustre dama no derradeiro mês da sua gestação — e é de se admirar de como se encorajou de fazer a viagem em seu estado — e aqui lhe nasceu o primogênito - AFONSO - ilustre historiador patricio, dos mais fecundos, idôneos e completos na especialidade destas letras — que entrou na vida presente, justamente, a 11 de julho, no próprio Palácio do Govêrno da Província, no Largo da Matriz, evento de que, justamente, estamos celebrando o transcurso secular, merecedor que se tornou o infante daqueles dias das homenagens nacionais da atualidade, pela excelência da sua obra e virtudes da sua existência, tôda ela dedicada aos estudos, às pesquisas e ao trabalho de exaltação da pátria nossa, fazendo reviver os feitos dos que a desbravaram, dos que a contribuíram e dos que serviram.

A imprensa local, respeitando os *tabus* sociais vigentes à época não fez qualquer referência ao nascimento de Afonso. Não era de bom tom fazer alusões a uma senhora, ilustre ou não, que se mantinha no resguardo dos quarenta dias de galinha cosida acompanhada do pirãozinho do seu caldo... Era dos *mores* nacionais e, de fato, por mais esquisito que pareça, celebrava-se mais a morte de alguém cuja vida tanto poderia ter sido uma realidade quanto uma decepção, do que o advento de quem, de qualquer forma, era sempre uma esperança...

Destêrro era então a vila pacata cuja fisionomia urbana oitocentista só se alterou, mesmo, nos últimos trinta anos da atual centúria... Entrepasto comercial, vivia em função do seu porto, frequentado semanalmente por numerosas embarcações, veleiros, nos começos, que ostentavam as côres das mais variadas bandeiras, e, na segunda metade do Século XIX,

por navios que vinham da Côrte e se dirigiam para o Prata, e que de lá volviam, aqui se cruzando semanalmente.

Era uma cidade cujos foros lhe foram concedidos, em 1823, pelo primeiro Imperador e que não se distinguia de tantas outras litorâneas que haviam sido semeadas por tôda a costa, de norte a sul. A sua vida era tranquila e raros acontecimentos agitavam a sua pacatez, cidade gostosa, de grandes ócios e limitadas preocupações, onde se passava bem de boca e mal de vida — bem porque tinha de tudo, mal porque só não havia conforto; bem porque pobres e ricos, aquêles muitos, êstes contados, tinham as mesmas coisas para comer — mal porque uns e outros morriam das mesmas epidemias e conheciam as mesmas faltas.

A política era o esporte nacional mais cultivado aqui, estremando-se os partidários numa espécie de clubismo só comparável ao futebol de hoje... A sua sociedade esforçava-se por imitar a da Côrte, como qualquer outra do país — e quando aqui chegou o Major-doutor que nos vinha presidir a Província, já havia clubes que abriam seus salões para as *partidas*, como então se chamavam as reuniões sociais, fôssem ou não dançantes, substituindo os salões particulares das casas abastadas dos grandes senhores da terra, armadores e comerciantes, que eram os donos das fortunas melhores, das famílias que podiam conservar ou ampliar o lustre dos seus nomes tradicionais, das que podiam melhor educar as filhas e destiná-las aos melhores partidos, pelo casamento...

Um daqueles clubes ainda existe — e se olvidados andam hoje os seus associados do brilho que deram aos seus salões a frequência de um Osório, que nele se banqueteu, ou de um Taunay, homem de sociedade que não demorou em se integrar no rol dos seus frequentadores e de participar dos seus serões — é preciso que se faça recordar que, sem dúvida, tal aconteceu e que Taunay, em 76, participava de fato das atividades sociais e não apenas a elas comparecia, para «dar o ar de sua graça»...

Recolhemos, de verdade, da imprensa coeva, o fato de que, num dos saraus litero-musicais da época, o Presidente da Província chegara a recitar: que os virtuosos do momento executaram *Jalousie*, peça de sua inspiração e autoria. E, complementemente-se a informação, na imprensa local, em folhetim, *Inocência* estava sendo publicada, assinando-a o pseudônimo de Silvio Dinarte...

Vivia-se a hora maior do romantismo, do lirismo de uma época — e a Sociedade desterreense procurava enquadrar-se no contexto de um gênero de vida que era o retrato do que melhor havia no país.

Inocência comovia as jovens casadoiras nas clausuras em que transcorriam as suas existências. *Jalousie* — o nome está a denunciar ciúme — e os seus acordes, infelizmente perdidos para os nossos ouvidos, certamente completariam a fisionomia romântica do moço presidente, evidentemente mais celebrado pela imprensa em função de outras atividades, inclusive as realizadas sob o sempre visado e assás decantado e vistoso penacho de Major-doutor...

Silveira de Souza, o adversário constante, fazia troça das românticas atitudes — e o alvejava com as farpas da sua ironia, nas rimas do epigrama que convertera em sua melhor arma política.

E conta, não sem graça, caricaturando, em versos, o concorrente à vaga política da Câmara geral.

Sabendo que uma das fraquezas de Taunay era irritar-se quando lhe deturpavam a pronúncia do nome, fazia-o propositadamente e, com requintes, escrevia :

Mas coisa do melhor gôsto
Era ver nosso Torneira
A dançar uma habaneira,
No Clube Dôze de Agosto!...
Eu o vi — ninguém m'ô disse,
Que requebros, que denguice!...
Ainda me lembro agora,
De vê-lo, todo ternura,
Fazer de mão na cintura,
O passo do Manoel da Hora!...

Ao lado do seu piano,
Cantando um recitativo,
Que encantos!, que atrativo,
Não tem nosso manganão!...
Como os olhos revirava
E o corpo bamboleava,
Acompanhando o compasso!...

.....

De fato, era a caricatura, a serviço da política partidária — mas também é o depoimento insuspeito, com tôda a sinceridade exigida, prestado na espontaneidade dos versos bem urdidos, sôbre o homem amável, social, atraente e culto que nos fôra enviado para presidir a Província...

Excluída a coronelada brasonada e lusitana que nos governara ao tempo da Colônia, cada qual mais grosso, cada qual mais reiuno, dentro do figurino vigente — mesmo depois da independência havíamos conhecido alguns Presidentes mal envernizados — dos tais que acabaram por conhecer o espoucar dos foguetórios de adeus. Taunay se situava entre outros, cuja educação, simpatia e fidalga presença, Destêrro sabia apreciar.

A caricatura não deixava de lhe ser uma homenagem...

Não eram, entretanto, exclusividade, os salões do Clube Dôze, ainda hoje um dos mais requintados da Capital. Taunay, mundano, recebia, também, em Palácio — como outros o haviam, antes dêle, feito e nem havia como deixar de fazê-lo, para não viverem envolvidos pelo tédio das horas sem fim nas noites desocupadas.

Contando-o, o adversário-poêta retrata com malícia e, talvez, pelo que me tem contado a crônica daqueles anos, com demasiada severidade, os nossos costumes.

É preciso lembrar que Silveira de Souza fôra homem habituado aos salões, no tempo em que permaneceu sob as Arcadas, na Academia de São Paulo, e considerado por Wanderley Pinho um dos «leões» da mocidade de então. E que vivia em Recife, como professor de Direito, num dos centros sociais de grande sofisticação, graças aos barões do melaço e do açúcar, frequentando salões e participando de suas festividades.

O seu julgamento nos desfavorece — e nem poderia ser de ou-

tra forma — terra pobre e impossibilitada de emparelhar com aquêles frequentados salões. Mas, citêmo-lo :

Se ao Palácio convidava
P'ra uma chicara de chá,
Tôda a gente que ia lâ
De cara à banda ficava,
Vendo o nosso herói na sala,
Todo vestido de gala,
De casaca e luvas brancas,
De modo que logo cêdo,
À sorrelfa ou em segredo,
Todo o mundo dava às trancas,

O que prova, sem recurso
Que o pobre catarineta,
Em matéria de etiqueta
E' um verdadeiro urso,
Um simples papa-farinha
Que nesta exígua terrinha
Nada entende de salões
Nem mesmo serve p'ra nada
A não ser p'ra algum pomada
Dar voto, nas eleições...

Êste baile a que se refere o epigramista, transcorreu a 28 de outubro, transferido de 29 do mês anterior, não logramos encontrar os motivos — e foi, conforme a imprensa conservadora, um sucesso, apesar do mau tempo reinante, sendo da informação, ainda, que houve gôsto requintado na ornamentação, boa música, tendo as senhoras apresentado lindas toilettes. Houve chá à meia noite e a função terminou às três da madrugada, tendo começado às nove horas.

* *

A Destêrro que Taunay pai conheceu e que Taunay filho teve por berço e na qual só chegou a colocar os pés já homem feito, adulto, com a prata dos cabelos denunciando-lhe dos anos os trabalhos, pois daqui saiu de colo, com apenas seis meses de nascido ainda por completar, a Destêrro que deveria ter sido e, infelizmente, não foi, a cidade da sua infância e palco das suas travessuras, como o foi das traquinadas inesquecíveis de tantas outras, nas chácaras perfumadas da Praia de Fora, repletas de fruteiras e ricas de ninhos, a Destêrro que foi a nossa e não chegou a ser a dêle, era uma pobre cidade de ruas estreitas e mal empedradas, isto as do centro, pois as mais distantes eram apenas de terra batida, de barro e areia calcada pelos pés dos escravos, repletas de crateras lunares, fartas de pô quando a conta dos dias andava longa com o sol caminhando de horizonte a horizonte, ou inundadas de lama quando a conta dêles era de chuva.

Andava-se a pé ou a cavalo — o portal das casas ostentava argolas para prendê-los — e nunca se referiam os cronistas à existência,

em qualquer época, das vistosas cadeirinhas ou das pesadas carruagens. Nem as registram os inventários. Havia, isto sim, um ou outro carro e alguns tilburis familiares, nos quais iam os senhores do alto comércio e influências das classes conservadoras, dos seus sobrados urbanos às chácaras e sítios da Tronqueira, do Mato-Grosso, da rua do Passeio — que ficavam, então, por assim dizer, «fora de portas» — e vice-versa.

Usavam-nas somente aqueles que, via de regra, já ostentavam um *status* financeiro que se refletia na amplitude abdominal que se via devidamente ornamentada pelo ouro dos correntões dos relógios — amplitude que não se compadecia com a possibilidade do trajeto a cavalo, menos por compaixão da montaria do que pelas dificuldades cinegéticas de montá-las...

Eram as ruas mal cheirosas, no centro, angustiadas e sem sol, ladeadas de casas de porta e janela e onde, de longe em longe, nas mais concorridas pelo comércio, haviam surgido os primeiros sobradinhos de dois pisos — o térreo para os negócios, os altos para a família. Mal cheirosas por serem o depósito de quanto se rejeitava e não se queria jogado no fundo dos quintais — e corria por elas, morno e excrementício o odor das alimárias que, presas às argolas das portas, adulavam a via pública com os excessos da sua economia orgânica, adubo revolvido pela disputa das galinhas que se criavam soltas (e sem despesas...) e que corriam assustadas pelas matilhas de cães preocupados em perseguição amorosa, como dizia um jornalista coevo a «uma ditosa da sua espécie»...

Não havia iluminação bastante para afugentar das vias públicas os fantasmas que as frequentavam — negros escapados à vigilância dos senhores, em busca de um canto de quintal resguardado das patrulhas, para o cochicho amoroso; soldados da guarnição do Depósito, em busca das marafonas no Beco-Sujo, disputando-as aos marinheiros com atrasos da escrituração sentimental no próprio reduto deles, lá para os lados da Figueira, ou junto a Santa Bárbara, onde os conflitos não eram raros uma vez que a cachaça era farta e o fêmeiro numeroso...

Uma centena de lampeões bruxoleantes, mantidos a óleo de peixe, fedorentos e tremelicantes, suspendia-se pelas esquinas, oscilando ao vento sul, tisonando as paredes com a bôrra e a fuligem dos respingos — candeiros que não se acendiam em noites de plenilúnio, por desnecessário, como previam as Posturas da Câmara, nem nas de vento, por impossível, como sabiam os contratadores.

Fora do centro... bem, fora do centro era a Via Lactea... Nem havia necessidade de mais, pois gente "bem" não punha o nariz para fora das portas depois das nove da noite — a não ser para parteira — e todos os demais conheciam todos os caminhos, mesmo a vó cego...

Havia, segundo a planta levantada naquele ano pelo major de Engenheiros Florêncio Pereira do Lago e seu colega civil Carlos Othon Schlappal, a mando de Taunay, que incluiu o primeiro entre os *Servidores Ilustres do Brasil*, havia, dizíamos, 8 praças ou largos, 49 ruas, 6 travessas e 4 becos, no perímetro urbano, dividindo-se a cidade em dois distritos, que eram as freguesias de Nossa Senhora do Destêrro e de São Sebastião da Praia de Fora.

As edificações somavam 1750, sendo 1625 térreas e 126 de sobrado — excluindo-se do total 8 igrejas, 20 edifícios públicos propriedades da Nação, da Província e da Câmara Municipal e, também, não sabemos

porque excluídas do cômputo geral, 2 lojas maçônicas, 2 hospitais e 1 cemitério evangélico... A população era de 8.608 habitantes.

Entretanto, há números que não combinam — o que era muito frequente nas estatísticas do Século. Por exemplo: em 1871, nas mesmas 49 ruas da cidade contavam-se 1542 edifícios, excetuados os próprios do Estado — o que importa em dizer que naquele lustro construíram-se 208 casas no Destêrro, fôssem 40 por ano, em média — mas os sobradinhos, que já eram 182, passaram a ser apenas 126, o que importaria, a estarem certas as contas, numa demolição de mais de 50 — dez por ano. Não se pode admitir que numa comunidade em crescimento, na razão de uma casa para cada 9 dias, quando justamente o sobrado era o que concedia *status* ao proprietário e cada vez mais se aglomerava a população em tórno da Praça, fôsse justamente demolir quase a terça parte dos seus assobradados. Alguém contou errado — como também deve ter errado na contagem dos moradores, pois a planta de Pereira do Lago e de Schlappal consigna para o lustro número que equivale a um acrescimento de apenas 724 almas, em cinco anos, o que nos parece muito pouco...

De qualquer forma, havia na cidade 7 médicos e 5 advogados, 4 serventuários e 6 despachantes. Os mascates eram 5 e 3 as casas de armário, 17 as lojas de fazenda, além de mais duas, de atacado. Os cartórios eram 3; 17 as escolas, 5 as boticas, 6 os escritórios comerciais; as tipografias somavam 5; 3 os fotógrafos e havia uma litografia.

As hospedarias eram 2, as relojarias 4, dôze as padarias, 2 os açougues, 6 as olarias. Havia 7 alfaiates, 1 estaleiro, 18 depósitos e enquanto três casas vendiam roupas feitas, 7 dedicavam-se ao ramo das feragens. Abundavam as tabernas — ao todo, não se espantem, 66 além de 30 quitandinhas, isto a que até bem pouco tempo se chamavam «vendas» ou «verduras», onde havia gêneros alimentícios como a farinha de mandioca e o feijão, o xarque e o fumo, o vinagre e a banha, de permeio com os frutos da terra, notadamente as bananas e as mexericas. Mas, o principal era, sempre foi, a pinga, pinga da terra, áspera, rascante, que arranhava o pâlato e descia feito chumbo fervente, garganta abaixo — pinga servida naquelas 66 biroschas à freguesia que nelas fazia ponto, para o bate-papo informal, para se queixar da vida ou falar mal do próximo, matando as horas, no inverno enquanto procurava na aguardente espantar o frio, no verão fazer baixar, com ela, a coluna termométrica das calenturas individuais...

A indústria se fazia representar numa torrefação de café, em quatro manufaturas de charutos, tipo granada, dos de acender e jogar bem longe, outras 4 de chapéus, além de uma de guarda-chuvas, uma de vinagre, outra de cerveja zurrapa e uma refinação de açúcar. E era tudo, no perímetro urbano — que os engenhos de farinha e cana operavam nos subúrbios, nos distritos do interior da Ilha.

O lazer se fazia presente em 5 casas de bilhar, onde os homens passavam as horas, das depois do jantar às de recolher, enquanto as mulheres se distraíam em casa, onde os costumes impunham uma permanência constante, só quebrada para a assistência às funções religiosas, uma ou outra reunião em residências amigas, com recitativos, jogos de prenda, belcanto e danças, predominando as quadrilhas, as valsas, os schotiches, as mazurcas — ou uma que outra saída, acompanhadas sempre, para uma vi-

sita obrigatória de anojados, ou informal de comadrio, por doenças, as mais das vezes.

Fora disto, o lugar da mulher era em casa... e em casa lhe levavam os moleques as amostras dos tecidos importados pelas casas de fazendas e os enfeites, pelas de armarinho — para a renovação dos vestidos, em geral feitos em casa, conforme os figurinos que vinham das livrarias da Côrte e que passavam, emprestados, de mão em mão...

Este sistema de vida impunha a renovação sazonal das côres de saude — coisa que era obtida nas chácaras senhoriais, nos sítios que se expandiam pela rua do Passeio, dos dois lados, indo acabar na praia, proibida, entretanto, na época, aos banhos, pelas posturas e evitadas, tôdas elas, pelo pudor olfativo, lugares eletivos que eram para a poluição de todos os despejos fecais.

Era do oxigênio coado pela mataria espessa, sombreada e cantante de pássaros, olente de quantas espécies abrissem corolas naquelas propriedades que se mantinham intactas, como latifúndios urbanos, lá para os lados do Mato-Grosso, lá pelas fraldas do morro do Antão, que se adquiriam côres, alegrias e saudes — pois tôdas elas tinham fruteiras prenes de carpos deliciosos, eram palco e platéia de todos os chiados estivais que brotavam dos verdes silvestres, onde se escondiam todos os aparelhos de som criados pela Natureza e de acôrdo com as necessidades das espécies: onde tôdas tinham o cristal das águas colhidas na profundidade limosa das cacimbas imaculadas, ou que brotavam dos mananciais escondidos entre as pedras — e, mais do que tudo, onde tudo cheirava o cheiro bom, fresco e tranquilizante da terra humedecida pelos orvalhos matutinos das luminosas madrugada, ou o cálido perfume das nossas apoteoses crepusculares. E, numa terra que sendo como foi — e ainda o é — dos *casos raros*, tão numerosos e incitados são por vezes, cêdo os poetas e nefelibatas procuraram nobilitar a alcunha, acrescentando apenas uma letra que transformava “casos” em ocasos — ocasos raros — e não exageravam, pois de fato são. Aliás, uns e outros pois, se a uns é uma gostosura vir a sabê-los, a outros um encanto poder contemplá-los...

*
**

Quando Taunay chegou com a espôsa ao Destêrro, o ambiente local já havia socegado das agitações que haviam proliferado ao fim do govêrno do dr. João Tomé da Silva, que plantara muitas iniciativas na Província mas não lograra tranquilizar os seus dias. Já então o ambiente retomara parte daquela modorrenta pasmeira que a tantos impressionara e que por ela haviam procurado caracterizar terra e gente — um povo insatisfeito e inconformado, muitas e frequentes vezes, por se sentir condenado à prisão em chão do «sem ter o que fazer», permanentemente à espera dos navios com as novidades da Côrte a fim de quebrar a monotonia do dia-a-dia, o ramerrão das horas arrastadas com a enervadora lentidão das conversas sem propósito...

Taunay conheceu uma cidade que acabara de sair de uma destas crises de afirmação, cansada e esquecida de si mesma, descuidada dos seus atavios, sem ter mesmo rendas e meios para promovê-los — e que mais do que nunca só não se fechava aos boatos, ao diz-que-me diz, às

inconfidências que corriam pelas boticas, plenário tradicional e acústico dos fuxicos políticos da época, distilados enquanto o farmacêutico, geralmente o maioral de um clã partidário, ia preparando, entre palpites lançados do seu *Sanctus Sanctorum*, através dos balões de vidro coloridos de água anilada de blau e goles que enfeitavam os balcões, a teriaga receitada por um esculápio do mesmo clã a um correligionário da mesma seita; ou então surgidos entre caixotes, barricadas e fardos onde se abancavam os circunstâncias, à frente das prateleiras dos comércios dos armadores da praça, também por condição e tradição cardeais do partidário conservador, pois eram os homens do dinheiro, que jamais deixou de ter voto e voz no Cabido destas atividades. O liberalismo criava-se nas boticas; o alcatrão era o meio de cultivo das exuberantes colônias conservadoras...

De fato, o ambiente havia politicamente melhorado, embora restassem ainda alguns remanescentes das arestas surgidas — coisa que, por mais que se esforçasse, não lograra o ilustre antecessor do Major-Presidente, o dr. João Capistrano Bandeira de Melo Filho riscar do mapa dos ressentimentos.

Viera êste ilustre brasileiro do Rio Grande do Norte, certamente, para curar certas feridas abertas senão por culpa do Presidente que o antecederia, pelo menos durante a sua gestão. Viera nomeado pelo Ministério Rio Branco, o celebrado «glorioso Gabinete de 7 de março», por nos ter outorgado o *Ventre-Livre* — e Caxias, que o sucedeu, conservou o delegado do governo na presidência de Santa Catarina, até que completasse a tarefa de reduzir os descontentes e acabar com as brotoejas e indigestões havidas no conservadorismo local. Não chegou a ficar por aqui um ano, mas quase — e registra a nossa crônica histórica que se houve bem.

Haviam brotado numerosos focos de desagregação partidária — coisas de aldeia, certamente, mas nem por isso destituídas de importância, num regime consubstanciado no parlamentarismo no qual, bem ou mal, não importa, eram as maiores que faziam os governos...

A intromissão do governo provincial no caso de uma falência que se transformara em escândalo público, a demissão do Promotor da causa, que era filho de importante partidário, importante e de inatacável fidelidade, nutrindo também êle, Promotor veleidades políticas, tanto mais que lhe ornava a personalidade o fato de se ter feito o primeiro catarinense a doutorar de borla e capelo em Direito, ao concluir seu curso nas Arcadas gloriosas; as atitudes nada cordiais e quiçá apaixonadas de um Juiz que também não resistia aos encantos sedutores da política, pecado a que cediam, então, muitos magistrados sem que por isto, é bem verdade, necessariamente chegassem a macular a toga; e outros fatos, casos de terra pequena, coisas de somenos — tudo junto, misturado e multiplicado pela intriga, criaram dois campos de influência na área conservadora, então no poder.

Dividiram-se os correligionários entre duas lideranças disputantes — uma, tradicional, ortodoxa, vinda dos saquaremas de outros tempos, gente da linha dura do crê ou morre, autocrática e nada conciliadora, que não dava colher de chá a qualquer dissidência, fazia-se chefiar por Manoel José de Oliveira, rãbula, de raposina personalidade — a quem não se pode deixar de render a justiça de haver sustentado o pendão conservador — agüentado o rojão, como se diria no pitoresco linguajar dos nossos tempos — por muitos anos o homem certo nas horas certas e incertas, inculto

e infatigável, brigão intransigente, quer estivesse no zenite, do fastígio, quer amargasse na adversidade, no ostracismo.

Para contar a verdade, cheguei a observar que, quando o Partido estava por cima, todos se atiravam a êle, para derrubá-lo da liderança, ridicularizando-o, dedodurando as suas deficiências, os acentos desviados das tónicas, os pronomes mal colocados da sua oratória, tão pitoresca quanto a de muito parlamentar da actualidade... Mas, quando o Partido conhecia a derrota, era sempre êle o responsável e, se ficava por baixo, curtindo as raivas oposicionistas, era a êle que todos recorriam para recompor as fileiras dispersas, para tocar a inúbia do reunir... Não passavam sem êle... Do outro lado, a liderança era ensaiada pelo padre Eloi, pois se o bando da dissidência era grande, ninguém, entretanto, conseguia fazer-se líder — um condutor capaz de abalar o prestígio do velho rábula a quem a irreverência da opposição barriga-verde alcunhara de Pendica e cujas manhas e espertezas no campo partidário se pretendia, no momento, opor a dialéctica e a retórica eclesiásticas do cónego, chefe dos cismáticos, heréticos da política conservadora sustentada pelos ortodoxos.

Se não corresse por baixo da ponte, como tantas vezes aconteceu, muita sujeira — até que se tornaria interessante *torcer* num clássico assim — jogo de inteligência, de esperteza, de habilidade, vulpino... Mas, sejamos da nossa época, ao menos para o relato e para aproveitar o pitoresco — já havia muita *catimba* — e para arbitrar um prélio assim foi que se viu escolhido o íntegro dr. Bandeira de Melo Filho — que não decepcionou.

A imprensa conservadora dividiu-se entre as disputadas lideranças — e tanto o *Conservador* quanto o *Despertador* órgãos do Partido, afinavam as vozes pelo diapásão palaciano, enquanto a *Opinião Catarinense*, inspirada pelo dr. Genuino Vidal, o Promotor demitido, se dizia porta voz dos que se consideravam legítimos detentores da verdade partidária.

Para fazer contra-ponto aos acordes palacianos, a folha da opposição liberal, sob a chefia do dr. Joaquim Ramalho, e dirigida pela pena do médico Duarte Paranhos Schutel, punha a necessária e costumeira pimenta no anjú dos adversários, emitindo as mais indiscretas notas, applicando duplo sentido às declarações, quando não lhes podia attribuir sentido triplo, tirando as nozes com a mão do gato, no fogo em que se consumiam os disputantes — e, se não desafinaram o conjunto, muito comprometeram a harmonia da peça... Fazia parte do jogo político — e as cartas não só eram conhecidas como marcadas, também... Chamava-se — *A Regeneração*...

Bandeira de Melo agiu com habilidade — habilidade de diplomata, e com discreção — discreção de confessor. Um ano depois, aliás nem tanto, tendo bastado dez meses, a contar da sua investidura — e podia dar por finda a tarefa da pacificação, embora, já quase no fim de ano de 75, tivesse surgido novo caso, desta vez com as paixões suscitadas pela agressão que sofreu o Inspetor da Alfândega, evidentemente um correligionário, por parte de um outro partidário, que era comerciante, tenente-coronel da Guarda Nacional e deputado provincial eleito, homem que tinha os bofes em permanente aquecimento e que ultrajou a chicote o ofendido até mesmo depois de vê-lo caído no chão...

A política conservadora iria passar por nova crise, não fôra a habilidade do Presidente Bandeira de Melo, obtendo a remoção do ofendido

depois de ter a Justiça pronunciado o agressor e arbitrado uma elevada fiança, acima de dois contos de reis, para livrar-se solto...

Não duvido de que o dr. João Capistrano tenha dado graças a Deus no dia em que recebeu a notícia de que o mesmo Chefe de govêrno que aqui o conservara o havia removido para a Presidência do Pará, que poderia ser longe, mas não poderia ser pior do que isto aqui, politicamente falando, está visto... Missão cumprida, quiçá o próprio Paranhos tenha pedido a Caxias a colocação de Taunay em Santa Catarina — Taunay que era criatura sua, a quem Rio Branco estava promovendo, que lhe era dedicado e em cujas águas partidárias o moço major sempre se banhara. Já o havia colocado no Parlamento, como homem de valor, sem dúvida alguma, para representar um longinquo Goiás, mal desbravado e mal povoado, ainda desprovido de expressões políticas que se derramassem pela vida nacional — burgo pôdre como tantos outros, inclusive Santa Catarina, e cujos lugares representativos na Câmara e no Senado as cúpulas partidárias, saquaremas ou luzias, bastas vezes preenchiam, fazendo deles doação a correligionários de valor, mas algumas vezes sem prestígio ainda, que se viam derrotados nas próprias Províncias pelos que eram eminentes em votos, que exibiam veleidades de independência ou de mando — gente de eleitorado firme, nem sempre disposta a ceder lugar a neófitos...

Bandeira de Melo Filho, unificadas as correntes partidárias cujas desavenças o haviam trazido para Santa Catarina, teve ainda a sorte de não desagradar os liberais opositores e, ao entregar a Taunay o govêrno, disse a *Regeneração*, sempre pródiga em zurzir os adversários, que “a sua administração não passará despercebida na história da nossa infeliz Província, pois nunca um período de calma (pudera! a briga era entre os conservadores, portas a dentro...) na série de fatos escandalosos, de arbitriedades e de injustiças sem conta de que temos sido vítimas desde 1868” — isto é, desde a queda de Zacarias e ascensão de Itaboraí, inaugurando a fase conservadora que então vigia.

Isto era bom — bom de dizer...

E tanto era que, ao dar a notícia do embarque do Presidente removido, registrou o mesmo jornal: “Nunca Presidente algum recebeu-as (manifestações de simpatia) tão espontâneas do povo” que encheu o trápiche da Alfândega, e ao qual, pessoa por pessoa, uma a uma, comovido, Bandeira de Melo apertou a mão em despedida.

Não houve foguetes de assovio — o que era raro!... — não se viu o Presidente «esfogueteado» — neologismo criado pelos ilheus para significar as manifestações de desgosto que acompanhavam, na maioria das vezes, o bota-fora dos políticos. Bandeira de Melo não conheceu a vaia que em geral se iniciava no ponto do embarque e que funcionava até que o navio desse a popa à fortaleza...

* * *

Taunay viu-se livre de problemas, assumindo o govêrno de uma terra presumivelmente pacificada — não sentiu as marolas das tempestades levantadas em tigelas de barreado francisqueense, preparadas pelo temperamental chefe do seu Partido aqui, que, natural daquelas pitorescas e queridas paragens, por isto mesmo, sabia cosinhar em fogo lento e assoprar sempre a favor dos ventos que vinham da Côrte, da cúpula partidária —

pois não era político suficientemente ingênuo, muito ao contrário — para fazer cama onde se esparramassem os pretendentes, nem vestir sobrepeles em políticos de sacristia...

Por tudo isto, o novo Presidente, liberto dos problemas imediatos, pôde voltar as suas vistas para a cidade que o acolheu e na qual entrara triunfante, como disse a sátira,

“Com o seu cocar imponente,
Com seu fardalhão de gala...”

Já no dia seguinte à posse, depois das despedidas ao seu antecessor, visitou as obras da Alfândega, em fase de conclusão, o Quartel do Depósito e, como cortezia, a Câmara perante a qual prestara o compromisso. E com tais visitas começaram os passeios pela urbe, tomando providências diretas e determinando outras, a fim de melhorar o aspecto da cidade. Seus Ofícios à Câmara e às autoridades foram frequentes — e, muitas vezes, incisivos. Eram ordens...

Interessou-o, sobremaneira, vestir a cidade com a roupagem da limpeza, do asseio, de que andava tão descuidada... E razão lhe assistia. Apesar dos celebrados *ares*, tão decantados pelo bairrismo, ou melhor, pelo ufanismo dos nossos maiores, a verdade era que as epidemias que invadiam o país, castigavam duramente a população do Destêrro. Só quando elas apareciam é que se esqueciam os tais “ares salubérrimos”, para encarar a realidade, para se virarem todos contra «os miasmas», responsabilizados pela febre amarela, pela varíola, pela cólera, pela malária, pela meningite, que nos visitaram e nos afligiram...

Naqueles mesmos dias, a febre amarela já forçara a sua entrada no Destêrro. O seu Hospital já agasalhava alguns casos da «bixa».

E embora negasse a Repartição da Saúde a existência do mal, a êle sucumbiria, nos fins daquele mesmo mês de junho, entre outras vítimas, a espôsa do Capitão Tenente Jacinto de Mendonça Furtado Paes Leme, neto do Marquês de Quixeramobim, um dos construtores da nossa independência, dona Rosalina Vilela Paes Leme, a mais ilustre educadora que nasceu, no Século passado, em nossa Província.

Taunay promoveu obras de saneamento — evidentemente de acôrdo com os precários conhecimentos da medicina preventiva de então — mas o Major Antônio Florêncio Pereira do Lago, seu Engenheiro de Obras, fartou-se, por ordens suas, de limpar fontes de abatecimento d'água, que eram mais contaminadas do que a imaginação poderia conceber, a catar inimizades, obrigando os proprietários à abertura de valas para escoamento das estagnadas, à limpeza dos quintais, depósitos de todos os detritos e de todos os dejeta, ao cuidado da caiação das moradias, medidas tôdas que então se reconheciam e se recomendavam como eficientes — e que até certo ponto eram, mesmo — para conservar a salubridade tão estimada quanto irreal.

O epigramista celebrou a ação do improvisado sanitarista, traçando na ironia dos seus versos aquilo que hoje é o seu elogio:

“Presidente de alta grimpa
Tantas fontes tu limpaste
Que até o nome alcançaste
De Major da «fonte-limpa»...

E aos nossos ares impuros,
Aos rêgos, canos, monturos,
Da nossa pobre cidade
Votaste tal ogerisa
Que tomaste por divisa
Guerra, morte à suidade!

Êste famoso acrobata,
Que nos seus saltos mortais,
Veio cair, de Goiás,
Na nossa terra pacata,
Saiba agora todo mundo.
Saibam Dom Pedro Segundo
E sua Imperial Alteza
— E' o nosso Major-doutor
Dom Alfredo — o *caiador*,
O Presidente Limpeza...

No meio da irônica descrição, escapou-lhe, todavia o depoimento, que vale por um atestado:

“Nada escapou-te à zelosa
Vigilância providente!...”

E foi mesmo assim. Meteu os olhos em tudo, cuidou de tudo, fiscalizou, ditou, exigiu.

A nossa Praça, cartão postal da cidade, coração da urbe que, desde os dias do fundador vem marcando o ritmo da pulsação de tóda a nossa vida, pois nela os fatos mais significativos da nossa história tem tido o seu palco, há um século atrás não passava de um potreiro, onde todos os cavalos da cidade, quando de folga, marcavam encontro para calmamente pastar — e o nosso Presidente, que não se conformava em ver o principal logradouro da cidade transformado em compâscuo, sempre que, das janelas do Palácio, contemplava o abuso, mandava imediatamente que fôsem os animais recolhidos e multados os seus donos.

“E aquêlê infeliz cavalo...

.....
Tranquilo andava na Praça
Quando, por sua desgraça,
Do Palácio o avistaste.
E logo, sem mais apêlo,
Dali mandaste prendê-lo
E no hipotério o trancaste.”

Vale fazer aqui um parêntese para explicar êste «hipotério». Sabido é que a expressão «necrotério», hoje tão corriqueira, foi um neologismo criado por Taunay. Silveira de Souza, num dos rodapés das *Taunaydas*, explicava que “S. Excia. fez a maravilhosa descoberta, tão aplaudida até em Lisboa, conforme a “Gazeta de Notícias”, da Côrte, de 30 de janeiro último; por que razão não haveremos nós, também (custa tão pou-

col), de inventar o "hipotério" (guarda de cavalos), que poderá ser, até, aplaudido em todo o Reino de Portugal, Algarves e Possessões, daquém e além-mar" ...

Mas, não ficava na *maquillage* da Capital a soma das medidas de Taunay, a cuja acuidade não escaparam muitos outros fatos que revelavam as deficiências existentes em nosso gênero de vida. Muitas medidas de segurança foram tomadas pelo jovem Presidente, inclusive algumas relativas à prevenção de incêndios (decorrentes de sinistro havido num Cosmorama, que era um concorrido tipo de diversão popular) e na de acidentes no trabalho, após deplorável ocorrência registrada a bordo de um navio em trabalho de descarga, na qual perdera a vida elemento de destacada família local, que fiscalizava a operação.

Não limitando sua ação aos problemas da Capital, Taunay, nos poucos meses que governou Santa Catarna ainda encontrou tempo para visitar as colônias (que se tornaram as «meninas dos seus olhos») e cidades do litoral, buscando conhecer as suas necessidades.

A 29 de julho, menos de dois meses de sua chegada à Capital, inaugurava êle o edificio da Alfândega — o mesmo que, hoje, devidamente tombado, se encontra em fase de reconstrução e restauração como obra arquitetônica tipicamente aceita para edificios destinados a êste fim, sendo o daqui um decalque do projeto executado por Grandjean de Montigni para o prédio da rua Visconde de Itaboraí, no Rio de Janeiro, onde hoje funciona um dos Tribunais do Juri da ex-Capital Federal, e que foi, inicialmente, Praça do Comércio e, depois, Alfândega.

A data escolhida para a inauguração foi a do aniversário da Princesa Izabel e a obra, iniciada ao tempo do Presidente João Tomé da Silva, dotava a Capital e a Província de uma edificação de vulto.

Acusou-se Taunay de, impellido pela vaidade, mandado colocar na placa da inauguração, o seu nome. De fato — e nada demais encontramos nisto, não fôra o evidente esquecimento de se incluir o nome da Bandeira de Melo Filho, pois se João Tomé colocou a pedra angular e Taunay o inaugurou, é bem verdade que as obras se adiantaram durante a gestão do referido Presidente.

Foi solene o ato de inauguração, realizado à uma hora da tarde, com honras militares prestadas pelo 17º Batalhão e duas bandas de música — e no salão nobre, ante o retrato de S. Majestade o Imperador, que a República daria sumiço, infelizmente, houve os discursos de praxe além de outros, extra-programa, e até mesmo um recitativo — que não foi do Presidente. . . Concorreram ao ato, segundo a imprensa, umas 300 pessoas, havendo entre elas muitas damas.

À noite houve baile, com 400 convidados, fartura de doces e bebidas, tendo durado das 8 da noite às 4 da manhã. Taunay presente, é óbvio — teve de aturar numerosos, numerosíssimos brindes. A imprensa não fez referência à presença da esposa do Presidente — o que se compreende.

Já nos derradeiros dias do seu govêrno, aliás na vespera de deixá-lo, a 1º de janeiro de 1877, Taunay inauguraria o monumento aos heróis da guerra do Paraguai, no centro da Praça — registrando-se o mesmo cerimonia, os numerosos discursos — mas não houve, nem haveria cabimento, baile nem brindes. . . A imprensa glosou mais uma vêz a vaidade presidencial traduzida nos dizeres de uma das placas que ainda o exi-

be: “Reinando S. Majestade o Imperador Dom Pedro II, foi começado na presidência do Exm^o. dr. João Tomé da Silva e concluido no do Exm^o dr. Alfredo D’Escragnole Taunay — Ano de 1876”.

E glosou porque, segundo as más linguas da época, Taunay mandou rematar o monumento sem que estivesse êle acabado, só para colocar o seu nome na placa. Pode ser — mas a verdade parece conter algumas atenuantes: — não havia verba para a conclusão do monumento, faltou o dinheiro e o centro da praça apresentava já algumas ruínas do que se construira, de cambulhada com material de construção abandonado. Taunay interessou-se pelo caso e não quiz deixar o monumento em tão lastimável estado e pediu a Caxias que lhe cedesse as granadas imprestáveis, existentes do depósito do Material Bélico, para cobrir a dar remate ao pedestal de coluna até hoje sem o fuste de muitos metros que terminaria num relicário de vidro, onde se depositaria a veneranda bandeira dos Voluntários da Pátria de Santa Catarina. Dizia a fôlha que conclusão tão apressada fizera de uma *memória* apenas uma *guarita*...

Taunay, como é sabido, e ninguém jamais escondeu, foi sempre um homem vaidoso — e deu aos seus biógrafos as mostras dêste ângulo da sua personalidade. Phocion Serpa, na sua premiada biografia do Visconde diz que esta “pontinha de vaidade acompanhou-o pela vida toda”.

Parece certo o acompanhamento — não a quantidade — pois não era só uma pontinha, havia a suficiente no homem que, de fato, sabia avaliar as próprias qualidades, tendo perfeita consciência do que era e do que valia.

Bem nascido, ilustre pelo sangue, enobrecera-se pelo talento, dádiva da Providência que soube aproveitar. Instruído, culto, desde cedo tu-teava as Musas. Como escritor, o seu nome já corria mundo, então, com a *Retirada da Laguna*, considerada a “certidão de batismo do Exército Brasileiro”. *Inocência* ainda seria considerada uma obra prima da literatura nacional. Cultivava a música, senão com o mesmo sucesso com que perlustrava as letras, pelo menos, as suas melodias românticas agradavam os ouvidos dapuele século, ainda não poluído pela cacofonia das sonoridades mecânicas que são o apanágio do nosso.

Temos a sinceridade de dizer, apesar de trazermos no sangue a herança dos hematias liberais, que não repelimos a idéia de que Taunay tinha, de fato, do que se envaidecer, por mais de um titulo e não chegamos a subscrever as estrofes do epigramista quando afirma que foram

“... seus louros conquistados
Entre os pastéis afamados
Do outeiro dos Castelões”.

a celebre Confeitaria da rua do Ouvidor, onde, dizia-se, se “davam diplomas de sábios e de literatos em uma certa roda de pedantes da Côrte. que reciprocamente se proclamavam tais, entre pastéis de camarão e copos de cerveja”.

Pasma, entretanto, que a sua auto-crítica não o levasse a admitir que o mal não estava na vaidade, sim naquilo do que se envaidecia... Porque o que mais estimava em si o ilustre homem não era a

abundância de tantas virtudes, a soma de tão nobres privilégios de talento — mas sim a sua figura, a sua estampa.

Esta fraqueza — afinal ninguém é confeccionado apenas de virtudes e o melhor ouro tem sempre, a enrijecê-lo, parcela de cobre — somos homens e não anjos, temos os pés de barro e faltam-nos asas — este grão de narcismo tem sido apontado pelos biógrafos que já o descobrem na confissão feita candidamente de que, ao bacharelar-se, sendo dos primeiros da sua turma, mais do que o prêmio que lhe coubera lhe havia sabido o elogio de uma dama que exclamara, quando êle passou — “Que moço bonito”!...

Isto explica porque, anos, muitos anos depois, aqui no Destêrro, se comprazia em participar das revistas à tropa, para se apresentarem mávorticamente posto, em seu fardão colorido, com o seu tão decantado penacho.

Quantas vezes, por Ofício,
Mandou fazer exercício
A mesquinha guarnição!
Parece que ainda o vejo,
La no Campo do Manejo,
Qual outro Napoleão!...”

Por estas e outras irreverências e alfinetadas no seu ponto mais sensível, jamais perdoaria o Presidente ao adversário que descrevia um Boletim Eleitoral, em 1884, dizem que feito em Blumenau,

“Boletim que traz no meio
Um calunga muito feio
Com seu nome escrito em baixo...

Era um volante com o retrato de Taunay, candidato a Deputado por Santa Catarina, naquele ano — sendo o clichê daqueles talhados a canivete, na madeira, por falta de uma litografia, e a impressão deveria ser de tal modo imperfeita que se prestou à gozação irreverente do adversário, que não desprezava qualquer mote — fazendo na mais perfeita versalhada e mais atrás das afrontas:

“Que ridícula figura,
Que tosca caricatura,
Que desasado pintor!...
Quem seria o gênio mau
Que a tão gentil mangação,
Quiz pregar tal mangação
Na Colônia Blumenau?

Quem vir um retrato assim,
Tão grosseiro, tão chimfrim,
E tão sem gosto e sem arte,
Ha de supor com razão
Ser apenas um borrão
De qualquer Silvío Dinarte...

Corre como certa a noticia — boato maldizente, talvez — de que Taunay sofria do desapontamento de lhe ter nascido o primogênito aqui, em Santa Catarina. Não é aceitável a afirmação. Se não quizesse não teria trazido a esposa, com todos os riscos, que então eram poucos, de uma viagem, às vésperas de lhe dar o herdeiro... E Taunay filho, o grande Afonso, cuja memória estamos a celebrar nestes dias, com júbilo e justiça, que nunca foi catarinense, porque não pôde, porque as circunstâncias lhe negaram esta oportunidade, jamais esqueceu ou negou que tivesse aqui nascido.

Não é, todavia, menos verdade que o ilustre homem que foi o seu pai, de fato, não gostava de nós outros — e lá teria, certamente, os seus motivos, as suas razões — apesar, ou quiçá por isto mesmo, de haver sido, depois de nosso Presidente, nosso representante do Parlamento, trocando a sua cadeira de Goiás por uma das nossas, e de haver alcançado a Senatória, com a morte de Jesuino Lamego Costa, 2º Barão da Laguna, que se tornara seu padrinho político depois que desaparecera, em 1880, o Visconde do Rio Branco. Certamente as derrotas eleitorais aqui sofridas, após campanhas e disputas ferozes, não se compensaram com as vitórias alcançadas... Homem de sensibilidade notória, teve a aguda percepção de que não conquistara Santa Catarina, não morava no coração do seu povo e que as amizades aqui feitas e conservadas não significavam qualquer tipo de popularidade, que só conseguiu nas urnas coloniais, dada a sua profunda dedicação aos problemas imigratórios em geral e aos núcleos alienígenas de Santa Catarina, em particular. Os outros votos que o elevaram na curva ascendente da política eram os votos partidários, os sufrágios dos soldados do Partido Conservador, obedientes e disciplinados, que votavam de caixão, fôsse em quem fôsse. Isto lhe pesava, naturalmente — e as *Memórias*, parcias em assuntos ligados à vida catarinense, se não tem palavras para enaltecer a nossa terra, é avara no citar seus homens — muitos dos quais se projetaram na História pátria — não passando as suas referências a algumas amizades, das mais íntimas, entre as quais incluía Lamego — que apontou como “tipo de caráter impoluto”, Nicolau Malburg, que considerou “um homem invulgar” e Manoel Moreira da Silva — “querido e inolvidável amigo”, seu cabo eleitoral fidelíssimo nas campanhas de 1881, 84 e 86. E alguns poucos, muito poucos, mesmo, além destes.

Este Manoel Moreira da Silva filho homônimo do celebrado Maneco Diabo morto em 69, foi, diz o Visconde nas citadas *Memórias* o meu valente braço direito, que hábilmente se aproveitava dos menores incidentes, queixas, desenganos e projetos de vingança (dos eleitores, contra os liberais) enquanto eu me ralava de impaciência e inquietação na minha presidência do Paraná”.

Entretanto, não conta que o premiara com o compadrio...

Ai está um fato que merece, aliás, referência: — dentro dos melhores cânones familiares, Taunay escolheu para padrinho do primogênito aqui nascido, seu pai, Felix Emílio, barão de Taunay, e a baroneza de Vassouras sua sogra. Estando exonerado da Presidência desde os meados de dezembro, de partida marcada para a Côrte, poderia ter esperado a ela chegar para batizar o herdeiro. Entretanto, só poderia ter feito o que fez para distinguir os amigos — e assim foi que, a 28 de dezembro,

quatro dias antes de embarcar o casal para o Rio de Janeiro, o padre Sebastião Antônio Martins cristianizou pelo batismo o infante, o nosso Afonso, que ainda não completara seu sexto mês de vida, em cerimônia que se realizou na Matriz de Destêrro. Representaram os padrinhos escolhidos e fidalgos, o amigo do peito — o mesmo Manoel Moreira da Silva, sendo madrinha a Exm^a. Sr^a. D^a. Maria do Carmo Teixeira Raposo, que acredito filha do dr. José do Rego Raposo, cuja espôsa era prima do barão de Vasouras, avô do garoto.

Depois, sem ter jamais pisado, pela tenra idade, o chão da terra em que nascera, para Afonso foi o exílio, o exílio da terra do seu nascimento, que nunca negou, como já dissemos, que talvez trouxesse no coração, naquela espécie de atração talúrica que todos nós cultivamos.

Honrou-a e engrandeceu-a — e não apenas à Destêrro me abriu os olhos, mas que só viu mesmo depois de vencida a maturidade — mas a nossa pátria tôda inteira, a que serviu com dedicação indormida, exopente que se fez da sua cultura e arauto das suas glórias, enobrecendo ainda mais os heráldidos títulos que lhe ornaram o nome.

Profundo no conhecimento da História nacional, de que foi infatigável pesquisador, não deslustrou a tradição paterna — antes a esmaltoou com o brilho de sua personalidade. Não rejeitou o sal da sapiência que na Matriz do Destêrro lhe ofereceu o velho padre Sebastião Martins e pôde, com isto, assentar-se com dignidade nas mais altas assembléias representantes da cultura nacional.

Isto ainda será contado, aqui, no decorrer desta semana em que o Govêrno do Estado de Santa Catarina e a Academia Brasileira de História celebram o centenário do nascimento de Afonso D'Escragnole Taunay.

Meus senhores :

Deixo com Vossas Excelências o cenário em que Taunay veio ao mundo, nestas palavras que proferi. Deixo alguns tons da vida que aqui se vivia, das lutas que aqui se travavam, das paixões que aqui se degladiavam. Procurei ser, aos vossos olhos, nada mais do que um jornal desempoeirado do passado. Não inveitei, não criei. Narrei. E pelo que pudesdes sentir — Taunay não teria necessidade de sair daqui, se, como Ulisses, tivesse, algum dia, o desejo de fuga para o que Eça chamou “a delícia das coisas imperfeitas”. Era aqui que elas moravam... Quem sabe se não é aqui, ainda, que elas moram?...

Talvez nem seja por outra coisa que a queremos tanto...

Obrigado pela vossa atenção.



25-10-1884: No dia 19 de Outubro, o casal Peter Lucas e Dorothea Lucas, festejaram suas bodas de ouro, para o qual compareceram inúmeros parentes e amigos. Conforme nos consta é este o segundo caso de bodas de ouro na colônia de Blumenau.

As Longas Peripécias Do Imigrante Ítalo-Trentino Para o Brasil

P. VICTOR VICENZI

Se lançarmos um olhar retrospectivo sobre a história da emigração Ítalo-Trentina para o Brasil, encontraremos fenômenos alarmantes e dolorosos, que influenciaram profundamente todo um povo, culminando com o êxodo em massa para outras terras mais promissoras.

Muito se tem escrito sobre o assunto; mas pouco, talvez, sobre aquelas peripécias e processamentos dos grupos em marcha para o Brasil, motivo pelo qual parece válido algum esclarecimento a respeito disso.

As organizações de recrutamento, aproveitando-se da situação, tiveram êxitos satisfatórios. A primeira delas, foi certamente a Companhia Hanseática de Hamburgo para os emigrantes alemães, fundada na segunda metade do século passado; mas que aos poucos foi se infiltrando também, no Tirol de língua italiana.

Essa Companhia conseguiu recrutar, em 1870, 40 famílias tirolesas, de Pedersano, enviadas para Bento Gonçalves, RS, onde chegaram na véspera de Natal.

O Governo Brasileiro, tomou então a iniciativa, concedendo amplos poderes à organização "Caetano Pinto", que atuava especialmente em Trento e Tirol no recrutamento de emigrantes para o Brasil.

O êxodo da Itália para terras brasileiras, eclodiu, assim, mais acentuadamente no quinquênio de 1875-1880, com proporções contagiantes nas ruas, nas cidades, nos campos, nos bares, nas vilas, no aconchego do lar e até nos púlpitos das igrejas. Por toda a parte o assunto obrigatório era o da emigração.

A situação politico-sócio-econômica da Itália, lhes era propícia. A imprensa da época, a propaganda, as sucessivas guerras de unificação da Itália desde o ano de 1848 a 1866 e a recuperação nacional, que não podia oferecer vantagens aos menos afortunados, o domínio Áustria-Hungria, o jugo dos senhores do Tirol (i siori del Tirol), a sobrecarga de impostos, a crise agrícola, a fuga da indústria para a Lombardia, Piemonte e Liguria, a filoxera que danificou os parreirais, a super-população, as inundações constantes dos rios Ádige, Brenta, Isarco, Sarca, Avisio, Chiesa, Cafforo e outros, foram algumas das cousas que influenciaram sobremaneira o êxodo do povo Ítalo-Trentino-Tirolês. Por toda parte acendera-se o entusiasmo da emigração.

A economia ressentia-se profundamente. As categorias menos afortunadas eram as mais atingidas.

Sabe-se que, no ano de 1885, uma família vendeu sua proprie-

dade, no valor de 600 "fiorini" (florins) para poder pagar os impostos. Nas obras de contenção das cheias foi obrigada, como as demais, a contribuir com 36 florins por ano. O imposto de 5, passou para 17 florins, também anuais. O salário médio era de 40 vintens por dia. A farinha de polenta custava 15 vintens o quilo e o queijo, 80. Impossível sustentar-se.

A Comuna de Levico possuía, ainda em 1887, uma dívida pública de 5.000 florins e a de Valsugana de 90.000, despesas contraídas essas, como contribuição à emigração para o Brasil, na certeza de serem reembolsadas mais tarde, o que nunca mais aconteceu.

A Comuna de Mezzano e de Siror assumiram igualmente em 1877, as despesas de transporte de 600 pessoas até o porto de embarque. Tal era a situação sócio-econômica do povo do Norte da Itália, que até os poderes públicos, entre dois males, escolheram o menor. Assim Caldonozzo com 2.300 habitantes, passou a ter somente 1.200. O mesmo acontecia com as demais Comunas.

Trento, Cavedine, Segozano, Levico, Centa, Vigolo, Val Sorda, Matarello, Ospedaletto, Cognola, Vattaro, Caldonozzo Valda, Volano, Roveretto, Albiano, Ceola, Samon, Vale do Ádige e centenas de outras aldeias cravadas na imensa cordilheira dos Alpes, estavam atentas e confiantes nas lisonjeiras promessas das Companhias recrutadoras para as terras brasileiras. Libertar-se para sempre de todas aquelas calamidades, era o grande desejo dos desafortunados.

Vencendo barreiras, misturando risos e lágrimas, saudades e esperanças, sonhos e ilusões, exprimiam seus sentimentos por meio de cantos e poesias improvisadas, ora de entusiasmo, ora com melancólicas melodias, como estas:

Al Brasile, al Brasile ò buone genti!
al Brasile, al Brasile presto correte.
Orsù, che fate? in queste terre algenti
d'inedia e povertà tutti morrete!

Colà di late e miele scorròn torrenti,
fruttar salami i larici vedrete
e sei stagioni all'anno in quei tepenti
climi, a bigonci il vin raccoglierete.

Viva la nossa Mèrica
la tera ritrovata
noi ghe daren la zapa
ai siori del Tirol

Noi ghe daren la zapa
la zapa e anca el badil
poi anderen en tel Brasil
a beber el vin bon.

Quando da Genova - il Sirio partiva
per l'Amèrica al suo destino
senza timore il Sirio correva
leggier, leggiro sul placido mar.

Su l'alto mare la nave s'infranse
incontrando lo scoglio fatale
la povera gente gridando soccorso
dispersa scompare nel fondo del mar.

De todas as regiões do Norte da Itália, partem levas e mais levas em procura da terra de promessa. Era todo um povo conturbado que se levantava disposto a tudo, para poder viver livre e feliz nas novas terras "della cucagna".

Feitos os planos, discutido o assunto com os familiares, passava-se a decisão final: Partir. "Andiamo".

Procurava-se imediatamente a organização colonizadora para a parte burocrática da inscrição e passa-porte. Marcava-se a data da viagem e assumia-se o empenho da liquidação rápida da pequena casa, dos poucos terrenos, dos animais domésticos, da mobília e outros pertences, por preços irrisórios e especulativos.

Em seguida passava-se a confeccionar a bagagem em caixas e baús, adrede preparados, contendo roupas, utensílios e objetos religiosos. Depois a visita de despedida aos parentes, a última oração no cemitério e a igreja, o último colóquio com o pároco, com os vizinhos e amigos. Por fim, um último olhar para aquelas montanhas, que nunca mais haveriam de ver, para, entre lágrimas e saudades, embarcar em seguida numa diligência até Trento. Ai o grupo pernoitava em qualquer hotel, ou em qualquer "stamberga" (barraco), para o dia seguinte, às 4 hrs. da manhã, assistir à Missa de despedida no "Duomo", catedral de Trento.

Diante das reliquias de São Vegilio, padroeiro da Diocese, depositavam sobre seu altar, lágrimas e saudades, promessas e orações, dores e esperanças, resignados pelo que desse e viesse. Mais um último olhar para o célebre crucifixo, que presidira o Concílio de Trento no século 15 e por fim o último abraço a alguns familiares que os acompanharam até ai. Depois o adeus a terra natal.

Chegara a hora derradeira. Após a cerimônia religiosa, os emigrantes compostos geralmente de cerca de 250 a 300 pessoas, dirigiam-se a pé para a estação da estrada de ferro recém-construída, para o embarque no trem reservado até Verona. Em Roveretto a composição parava e ai outras familias embarcavam com o mesmo fim.

Em Verona, os emigrantes baldeavam-se para outro trem que vinha de Milão, e velozmente atravessar a Itália em demanda dos portos de Gênova ou Trieste, ou ainda Marselha, na França. Lá os esperavam os navios a vapor e à vela para o embarque marítimo.

O cais, então, se enchia de uma massa humana, triste. silencio-

sa e acabrunhada. Mulheres e crianças ao ver pela primeira vez o mar imenso, prorompiam em prantos e lamentações. "Cosa abbiamo fatto, porretti"? O que fizemos, pobre de nós?

Por fim o zarpar do navio. A pátria querida aos poucos ia se afastando, desaparecendo aos olhos daquela gente para nunca mais retornar a vê-la. Rescendia-se, entretanto, a esperança da nova pátria prometida, conformando-se mutuamente no meio da imensidão do Oceano Atlântico até então desconhecido.

No convés do navio, crianças, velhos, homens e mulheres, taciturnos, passavam o tempo, observando os golfinhos, o esplendor fosforescente das noites e o sulco das águas deixado após si, pelo navio em marcha.

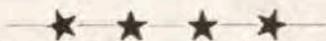
Outros deitados aqui e acolá pelo navio, lutavam contra o enjôo (mal di mare), sofrendo amargamente uma viagem interminável.

Durante as chuvas, os homens apressadamente traziam para a proa do navio, as preciosas mudas de videira acondicionadas em latas com terras trentinas para formação dos novos parreirais brasileiros, impedidos como estavam de regá-las com a água racionada.

Percorridos alguns dias de viagem, toda aquela gente já refeita do abalo, se reunia para cantar as velhas canções, que formariam futuramente o folclore de Rio dos Cedros, Rodeio, Nova Trento, Caxias do Sul e outros centros da imigração italo-trentina.

Narra a história, que em janeiro de 1877, 275 pessoas recrutadas em Valsugana pela Sociedade Francesa "Saleaud", foram embarcadas no navio "Acigeraid" o qual depois de algumas milhas de viagem retornou ao cais por motivos de graves avarias, largando simplesmente os passageiros sem nenhum recurso e sem prestar-lhe qualquer satisfação, enquanto a Sociedade abriu falência. Somente a caridade pública e o bispo do lugar socorreram aqueles emigrantes, até que a organização "Caetano Pinto", ciente do ocorrido, depois de meses de angústia, os recolheu com destino a Caxias do Sul.

Depois de todas essas peripécias e de uma longa viagem atribulada, finalmente o novo horizonte, a terra, a grande terra do Brasil.



22-3-1884: (Enchente) Notícias que nos chegaram ainda sobre as últimas enchentes e seus prejuízos são desanimadoras. Os prejuízos causados aos caminhos, estradas e pontes são enormes, pois em Pommerode todos os bueiros, ao todo 19, foram destruídos e uma grande ponte foi arrastada; no Testo seis pontes e canais, a passarela do Cedro ficou intran-sitável, a Ponte no Ilse, teve que ser escorada e periga ruir. No Cedro as águas atingiram nível de 7 e meio palmos (166 cm.) superior ao de 1880- Nas barrancas do Rio do Cedro e também do Benedito as águas desmoronaram largos trechos, pelo que os colonos além das plantações perderam grandes áreas de terras.

Como Nascem os Gênios

Nemésio Heusi

Em fins da década de trinta, começo da de quarenta, eu era representante, no Rio, das Indústrias de Madeiras Gropp, de Blumenau. Era seu Presidente Irineu Bornhausen.

Tornei-me, então, por força do meu trabalho, um estudioso sobre madeiras, desde a sua extração até a industrialização, notadamente, quanto à fabricação de esquadrias e suas correlações.

Escrevi muito sobre o assunto em vários jornais. Coube-me, por isto, a insígnia da "Ordem da Árvore", no grau de Comendador, dada pelo Instituto Nacional do Pinho, em abril de 1954, cujo diploma guardo com muito carinho.

Conheci, em 1937, um dos homens mais extraordinários deste país, meu professor, o Engenheiro João Carlos Vital, na época dirigindo o Instituto de Resseguros do Brasil, uma de suas criações, verdadeira obra prima de organização e que também comandava, uma equipe de engenheiros, advogados, economistas, arquitetos, entre eles: Plínio Cantanhede, Hélio Beltrão, Marcelo e Milton Roberto, para citar apenas alguns. Conheci também, por intermédio de Vital, Emilio Baumgart, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, no escritório deste último, na Esplanada do Castelo.

Foi esta a apresentação de Vital. Isto em 1937:

"Aqui estão três jovens candidatos a Gênio, um teu conterrâneo, o mestre em concreto armado, professor emérito, Emilio Baumgart, projetista e calculista de nomeada; Lúcio Costa, engenheiro e Oscar Niemeyer, arquiteto. Eles representam o máximo no Brasil".

Era a antevisão de João Carlos Vital. Que em breve se iria confirmar. Baumgart consagrou-se, mundialmente, como o maior calculista em concreto armado, cognominado o "Pai do Concreto Armado"; Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, com a construção de Brasília, tornaram-se também mundialmente famosos. São, sem dúvida, os Gênios da Engenharia e Arquitetura Brasileira, como foi, Baumgart, do "Concreto Armado".

Daquela apresentação, nasceu uma amizade que muito me honrou e ensinou durante alguns anos. Fui, modestamente, seu consultor sobre madeiras.

Baumgart chamava-me, carinhosamente, de conterrâneo. E, brincando, me dizia:

— Tua terra, Itajaí, vive em grande parte do trabalho de meus irmãos blumenauenses, exportando o que produzimos. Não é isto conterrâneo?

— Confere, Mestre.

— Mestre uma ova, seu catarina!

Não gostava que lhe chamassem de Mestre. Era a modéstia em pessoa.

Baumgart, certa vez, calculou e projetou a construção de uma ponte em concreto armado com um vão enorme. Era bem maior do que havia construído em Joaçaba, sobre o Rio do Peixe, de 67 metros de vão livre e que valera o "recorde mundial". O fato é que a nova

ponte que construía, batia o seu próprio recorde.

Os moradores do local e vizinhanças, onde se construía a ponte, diziam que "com aqueles palitos de concreto" iria cair e que jamais agüentaria um caminhão de 10 toneladas, carga máxima projetada.

Baumgart ouvia os comentários, impassível, como se nada, soubesse.

Bem no centro da ponte, em seu piso de concreto, mandou ele deixar um buraco, de forma que coubesse nele. E ordenou que se construísse, com os ferros do concreto, um banco em baixo do piso, de modo que ele pudesse sentar-se seguramente.

Só os engenheiros sabiam daquele apêndice na ponte.

No dia da inauguração, o povo se aglomerou nas margens do rio de um lado e doutro. Para "ver a ponte cair".

Baumgart mandou que lotassem um caminhão com 20 toneladas de carga; o dobro do peso permitido.

Seguiu sozinho, pela ponte, Meteu-se no buraco adrede preparado, sentou-se e, calmo e seguro ficou balançando as pernas sobre o rio. E ordenou que o caminhão entrasse na ponte e parasse bem em cima dele. Na grande assistência o silêncio era profundo. Um frenesi em todos os rostos, de curiosidade e espanto. De repente, se ouviu um estouro de palmas e vivas, que partiam das duas margens lotadas do rio.

Ele saiu do buraco, puxado pela multidão que o pegou a força para carregá-lo em seus ombros.

Todas as vezes que ele ouvia contar essa história, real e verdadeira, dava gostosa gargalhada. Era o divertimento maior, do gênio. Que, com apenas 54 anos, morria repentinamente no trajeto de sua residência para o trabalho.

Também de Lúcio Costa, João Carlos Vital conta esta passagem interessante:

Quando Vital era Chefe de Gabinete, do Ministério do Trabalho Salgado Filho e respondia pelo Ministério, houve um concurso entre engenheiros, para a construção do Pavilhão do Brasil, na Feira de Amostras em Nova-Iorque.

Concorreram vários engenheiros e arquitetos brasileiros, entre eles, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

O primeiro lugar coube a Lúcio Costa.

Quando Lúcio Costa soube da sua colocação, foi ao Ministério e pediu a Vital, para examinar os demais trabalhos.

Um dos projetos impressionou Lúcio Costa de tal forma que achou "injusta" a sua colocação, já que àquele projeto, que tanto lhe agradara, cabia, inegavelmente o primeiro lugar e não, a ele, Lúcio Costa.

O projeto era o do segundo colocado Oscar Niemeyer.

Nascia então, o novo gênio da arquitetura brasileira, Oscar Niemeyer, indicado por um Gênio maior de desprendimento e modéstia, Lúcio Costa.

Graças a João Carlos Vital, eu convivi, com esses gênios, momentos inesquecíveis, aprendendo, com suas modéstias, atitudes, gestos, ações e exemplos a grande lição: "É da humildade que nascem os gênios".

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

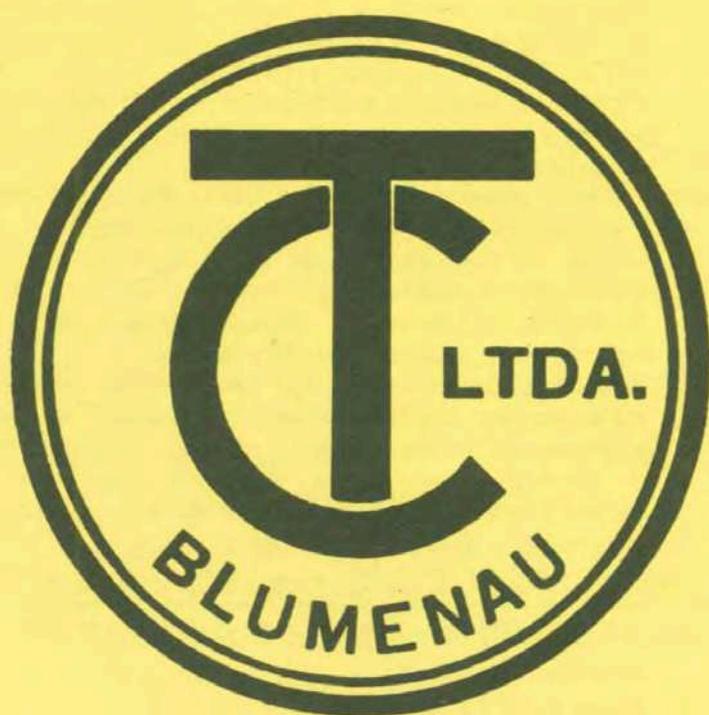
(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —
Isolde Hering d' Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O
R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E 2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1
I N D Ú S T R I A - R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

BLUMENAU - STA. CATARINA